



MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI
ISSN 2316-1663

VOLUME 9, NÚMERO 4 | OUT-DEZ 2020

ENTRE *LAETABERIS* E *VIOLENTIA*: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O PRÓLOGO APULEIANO¹



BETWEEN *LAETABERIS* AND *VIOLENTIA*: SOME REFLECTIONS ABOUT APULEIUS' PROLOGUE

VINÍCIUS MEDEIROS DOS SANTOS
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, BRASIL

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 31/07/2020 • APROVADO EM 01/10/2020

Abstract

The purpose of this article is to promote a reflection about the main indication of **The golden ass' Prologue**, by Apuleio, meaning, the quality of entertainment manifested throughout their stories, through the sentence *Lector intende: laetaberis*, considering the omission of this same narrative voice about the articulation and development of the expression of violence that permeates the entire Apuleian text.

¹ Este artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa de Iniciação Científica intitulada "Aspectos da violência em O asno de ouro, de Apuleio" e financiada pela FAPESP — Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo por intermédio dos Processos nº 2018/19938-2 (Orientação do Prof. Dr. Cláudio Aquati/UNESP), no Brasil, e nº 2019/13798-7 (Supervisão do Prof. Dr. Delfim Leão/Universidade de Coimbra), no exterior.

Resumo

O objetivo deste artigo é promover uma reflexão acerca da indicação principal do *Prólogo* de **O asno de ouro**, de Apuleio, a saber, a qualidade de entretenimento manifesta no decorrer de suas histórias, por intermédio da sentença *Lector intende: laetaberis*, considerando a omissão dessa mesma voz narrativa sobre a articulação e o desenvolvimento da expressão da violência que perpassa todo o texto apuleiano.

Entradas para indexação

KEYWORDS: The Golden Ass. Apuleius. Violence.

PALAVRAS-CHAVE: O asno de ouro. Apuleio. Violência.

Texto integral

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, discutimos sobre a composição literária do *Prólogo* de *O asno de ouro*, denso e profícuo (KAHANE e LAIRD, 2001). Conferiremos como esse texto inicial alerta especificamente o seu leitor acerca da qualidade de entretenimento presente na narrativa, sobretudo, mas não estritamente, por meio da sentença *Lector intende: laetaberis*, por um lado, enquanto omite deliberadamente o conteúdo de extrema violência das histórias apuleianas, por outro lado. Essa omissão vai ao encontro das estratégias persuasivas e literárias organizadas no texto apuleiano de modo a construir efeitos de sentido de maneira sofisticada e ambígua.

Desse modo, buscamos evidenciar que uma análise sobre a expressão da violência em Apuleio é mais bem aproveitada quando se considera a vertente recreativa indicada particularmente nesse texto de abertura, não desconsiderando uma para discorrer sobre a outra, como os especialistas optam, quando tradicionalmente analisam essas instâncias. Para tanto, apresentamos um breve estudo sobre a manifestação da violência na narrativa apuleiana, seguida pela explanação do quanto o *Prólogo*, embora curto, é um texto complexo. Na sequência, discorreremos sobre as particularidades recreativas indicadas por ele, para então analisarmos a sua composição em oposição ao aspecto violento das histórias apuleianas. Assim, chamamos atenção para o fato de que, muito embora essa obra seja um romance no qual a extrema violência faça parte de sua composição, o entretenimento é uma das leituras interpretativas mais significativas da narrativa de Apuleio, uma vez que, desde o princípio da obra, a expressão *laetaberis* é indicada textualmente.

2 A VIOLÊNCIA MANIFESTA EM O ASNO DE OURO

De modo amplo, podemos destacar que a violência é um fenômeno literário caro ao gênero romanescos antigo (OLIVEIRA; SILVA; BARBOSA, 2014). Silva (2014)

menciona que a figura do assaltante, tanto da terra quanto do mar, faz-se amplamente presente no romance antigo grego. Essa figura do pirata, ainda que sua denominação não tivesse a mesma conotação que apresenta hoje, como menciona a estudiosa, roubava não só as mercadorias, mas também proporcionava o próprio tráfico humano. O pirata, inimigo ou aliado dos protagonistas, era uma das forças motoras essenciais que movimentava as tramas, sendo responsável por separar ou ameaçar as personagens principais.

Por sua vez, o romance antigo romano também era atravessado por eventos violentos de toda ordem. De acordo com Leão (2014), a violência pode ser entendida como um motivo central no *Satíricon*, de Petrônio. De entendimento aproximado, compartilha Grimaud (2010) que aponta que a instância da violência é recorrente nesse romance.

Quando consideramos especificamente a obra de Apuleio, podemos apontar que, embora *O asno de ouro* não tenha como argumento principal a violência, como cita Garraffoni (1999), esse romance é atravessado pelo banditismo, por transgressões sociais, por crimes de toda ordem, por ações ilegítimas ou violentas, dentro outros fenômenos afins. Segundo a pesquisadora,

Paralelamente às narrativas que envolvem pequenas infrações ou crimes sangrentos, Apuleio apresenta outras ironias ligadas ao mundo das transgressões, isto é, cria situações nas quais predominam o medo que as pessoas tinham de bandos que caminhavam pelas estradas e o ambiente pobre e violento em que viviam os ladrões. (GARRAFFONI, 1999, p. 74-75).

Segundo Mackay (1963), a força do banditismo em Apuleio representa um tipo de democracia ilegal, por meio do qual se mostra um curioso panorama dessa sociedade criminosa, com suas obscuridades retóricas, além de promover o próprio tema da viagem na narrativa, pois os bandidos são um suporte essencial que coloca Lúcio, a personagem protagonista, sempre em movimento. Para o estudioso, o modo como Apuleio não só descreve a sede dos bandidos, como, por exemplo, a caverna para onde o Lúcio-burro é levado, mas também revela que essa ordem social é totalmente diferente da maneira como essa temática é apresentada nos textos gregos.

Michalopoulos (2002) também destaca o caráter violento manifesto na narrativa apuleiana. De acordo com o pesquisador, o suicídio, uma das expressões desse fenômeno, articula-se em torno da personagem protagonista, revelando-se bastante profícua, uma vez que se organiza em torno de algumas modalidades; por meio da ingestão de um vegetal venenoso, da queda de um penhasco ou do uso de um objeto perfurante.

Por fim, Puccini-Delbey (2001) também aponta para a violência presente no romance apuleiano, relacionando-a com a temática da mulher e da sexualidade, por meio da qual aponta para o símbolo da mulher feiticeira enquanto um instinto incontrolável que leva o homem à animalização e, por fim, à morte.

3 A COMPLEXIDADE INTERPRETATIVA DO PRÓLOGO

Especificamente acerca do *Prólogo* apuleiano, Harrison (2013) aponta para o fato de que esse parágrafo inicial da narrativa tem sido objeto de discussão dos estudiosos desde o século passado, com dificuldades e particularidades de compreensão e de interpretação muito bem conhecidas. Não por acaso, Harrison (2013, p. 102), enquanto discorre sobre as múltiplas camadas semânticas desse trecho, refere-se a ele como o [...] *enigmatic prologue* [...], isto é, prólogo enigmático.

Na avaliação de Kahane e Laird (2001), esse trecho, com suas 119 palavras, é um texto impressionante, cuja qualidade literária deixa atônitos tanto críticos quanto leitores.

Nesse sentido, Smith (2001) entende que o texto introdutório apuleiano estrutura-se, para além de outros elementos, em bases geográficas. O estudioso aponta que esse texto sugere não só uma origem variada do próprio romance, por meio de suas próprias descrições, cujas filiações perpassam regiões como Mileto, Egito, Grécia e Roma, mas também uma diversidade de gêneros textuais.

Considerando o contexto de sua produção, assim como as suas possíveis referências milesianas, Dowden (2001) pondera que o *Prólogo* é impressionante pelo modo como é constituído, isto é, um romance como suporte de diversas tradições literárias, que promove, pois, a constituição de um gênero misto.

Ao observar como os estudos contemporâneos discutem-no, Carver (2001) raciocina que esse texto foi lido e revisitado de muitas maneiras, o que evidencia a riqueza de sua composição. Segundo Carver (2001), para um leitor iniciante, acostumado com uma linearidade textual, a sua leitura torna-se um desafio virtualmente impossível de ser solucionado, quando reconhecemos que esse excerto inicial aproxima, confundindo, as identidades do autor, do narrador e do próprio texto.

De acordo com Mason (1978), temos que refletir e sempre suspeitar de suas intenções, antes de considerarmos suas afirmações. Já Laird (2001), para além disso, em relação à complexidade interpretativa do texto inicial apuleiano, pensa que esse trecho da obra pode ser interpretado como uma coda da própria história da transformação de um rapaz em um burro, ou seja, embora seja aparentemente o começo do romance, ele seria, inesperada e surpreendentemente, se pudermos colocar nesses termos, a sua própria conclusão.

4 O ENTRETENIMENTO APONTADO PELO PRÓLOGO

No interior da fortuna crítica apuleiana, os especialistas têm discutido amplamente acerca tanto da densidade semântica quanto das sensações específicas promovidas por meio da leitura da narrativa de Apuleio. Dentre essas sensações, uma das principais é a que aborda a questão do entretenimento produzido por intermédio da leitura de **O asno de ouro**, mencionados em seu *Prólogo*.

De acordo com Trapp (2001), não só o estilo e o conteúdo, mas também a voz narrativa são elaborados de modo a promover a satisfação do leitor. O estudioso considera ainda que é difícil sustentar que a obra de Apuleio seja somente de entretenimento, sobretudo para aqueles que nela veem também a condição de

elevação espiritual. Todavia, segundo Trapp (2001), essa visão elevada, de cunho religioso, sobre o conteúdo da obra não pode ser ignorada, já que ela contribui também para a constituição dessa sensação de satisfação.

Bitel (2001), ao considerar as influências milesianas na obra de Apuleio, reconhece que, em sua abertura, a voz narrativa promete histórias que serão lascivas, agradáveis e sedutoras.

Para Harrison (2013), o trecho introdutório reivindica textualmente que promoverá a satisfação do leitor. Segundo o estudioso, a sua conclusão é de que, quando realizada com atenção, a leitura da narrativa de Apuleio possibilitará agradáveis momentos ao seu leitor, pois ele é um texto de entretenimento.

Já para Smith (2001), o *Prólogo* encerra-se com uma promessa de regozijo, de deleite para aquele que ler Apuleio. Mason (1978) também aponta para o fato de que, por meio da leitura dessa narrativa, os leitores obterão uma sensação de satisfação. Por sua vez, Cardoso (2011) frisa que não faltam passagens que promovam a alegria na obra apuleiana, como também indica Sandy (1999).

5 ENTRE *LAETABERIS* E *VIOLENTIA*

Por meio de nossas reflexões, com base na sentença *Lector intende: laetaberis*, constituída por apenas três palavras, e justamente as três palavras mais famosas de **O asno de ouro**, segundo Slater (2001), esperamos apontar a oposição significativa dessa narrativa, considerando o eixo semântico antitético *laetaberis-violentia*.

Diante da escolha dessa famosa sentença como uma chave de leitura e como o elemento literário por meio do qual orientamos as nossas reflexões, podemos primeiramente referir, mesmo de maneira muito sucinta, que, durante muito tempo, ela foi objeto de estudo dos pesquisadores da literatura antiga, sobretudo dos especialistas apuleianos, pois o signo verbal *lector* chamava (e certamente ainda chama) a atenção dos investigadores sobre como seria a prática desse sujeito que assume a ação de leitura, seja ela de maneira privada e silenciosa, como se dá a ação de ler na atualidade, ou de maneira pública e coletiva, como se dava na Antiguidade (CAVALLO; CHARTIER, 2004).

Parece-nos, contudo, que poucos estudos ocupam-se efetivamente da relação entre a sensação promovida pela leitura da narrativa, por meio do sintagma verbal *laetaberis*, como sugere o *Prólogo*, por um lado, e a expressão do fenômeno da *violentia*, que se manifesta intermitentemente durante as aventuras apresentadas na obra, por outro lado.

De certo modo, os investigadores majoritariamente apontam para a qualidade positiva manifesta no interior dessa produção literária, embora haja também pesquisas que defendem outras perspectivas de interpretação; os especialistas, todavia, parecem não atentar a essa característica específica do romance, por meio do *laetaberis*, quando consideram o fenômeno da *violentia*, ou vice-versa.

Diante disso, e considerando que parece não existir um movimento científico recorrente que tenha interesse exclusivamente no eixo simbólico *laetaberis-violentia*, provenientes em **O asno de ouro**, colocamo-nos então especificamente no

espaço de intervalo dessas duas frentes analítico-teóricas apuleianas. Em nossos estudos, assumimos a orientação de não desconsiderar um ponto de vista em favor do outro. Pelo contrário, reconhecemos que ambas as leituras interpenetram-se, sendo, portanto, *laetaberis* e *violentia* reciprocamente dependentes.

Claro está que não desconsideramos o fato de que os romanos apreciavam abertamente o entretenimento violento, como os combates de gladiadores, por exemplo, já em razão de influências etruscas (ALBRECHT, 1997). Contudo, quando consideramos que essa violência na narrativa apuleiana não é gratuita e simples, mas, pelo contrário, é estética e cuidadosamente introduzida e elaborada, entendemos que Apuleio realiza um jogo interpretativo com seu *lector*, pois o autor não menciona nem destaca a manifestação dessa *violentia* presente em sua narrativa, quando produz seu texto inicial.

Desse modo, em nossa leitura, selecionamos essa sentença em específico por dois motivos principais. Em primeiro lugar, porque essa sentença é parte fundamental do todo textual, por meio da qual se constrói um discurso direto *unidirecional* entre a voz narrativa e o seu leitor, proporcionando, mais do que um simples comunicado ou um desprezioso aviso, um verdadeiro direcionamento de leitura para a narrativa de Apuleio. Do interior do texto literário, a voz narrativa comunica-se diretamente com seu leitor, por meio do vocativo *lector*, influenciando esse sujeito concreto, independentemente de sua origem ou de seu contexto histórico, uma vez que ele não pode ignorar ou negar deliberadamente a voz narrativa, que o conduz.

O leitor apenas começou a sua leitura de **O asno de ouro**, mas a proximidade entre *lector* e *Prólogo* é tanta que este projeta para aquele as suas perspectivas e os seus desejos, a partir da leitura de sua história. Nesse sentido, entendemos que a organização narrativa projeta uma direção de interpretação literária em particular, ao lado de outras interpretações possíveis, ou seja, nesta leitura, a voz narrativa orienta o seu interlocutor para uma determinada qualidade inerente à leitura da obra, por meio da sentença *Lector intende: laetaberis*.

Evidentemente, neste estudo não estamos julgando pouco profunda essa produção literária ou desconsiderando sua complexidade semântica. Em nossa leitura, contudo, o que privilegia essa interpretação dentre outras é que a sua fruição é destacadamente vinculada, como a última informação textual que antecede o início da história em si, a essa célebre sentença.

Em segundo lugar, a razão de *Lector intende: laetaberis* ter sido selecionada foi o fato de que a voz narrativa imediatamente não só declara a sua expectativa pessoal diretamente ao seu interlocutor, mas também sinaliza o tipo de sensação que ela espera promover naquele que realiza o processo de leitura do romance.

Embora seja importante destacarmos que essa concepção interpretativa não é necessariamente fechada em si mesma em uma perspectiva hermética, a própria voz narrativa parece indicar uma interpretação principal, ou seja, o romance apuleiano como um provável desencadeador de uma *laetitudo*, como, aliás, diversas traduções para línguas modernas, tais como em português *alegrar* (GUIMARÃES, 1963) ou *deleitar* (LEÃO, 2007), em inglês *joy* (RELIHAN, 2007) e em espanhol *gustará* (FERNÁNDES, 1983) sugerem: uma provável sensação de satisfação do leitor no decorrer de sua leitura da obra.

Assim, quando consideramos a sentença final do primeiro parágrafo em Apuleio, *Lector intende: laetaberis*, tendo em mente não só o original em latim, mas também todas as traduções elencadas, entendemos que não é descabido entender que a voz narrativa alerte seu leitor sobre as qualidades apreciativas da obra, e que durante a sua fruição, apesar ou exatamente por causa da *violentia*, ela promoverá satisfação ao leitor.

Diante disso, parece-nos que Apuleio articula um elaborado jogo de significações, intensificando o teor antitético apuleiano, uma vez que ele antecipa uma indicação da sensação de satisfação que será promovida ao longo da leitura da produção textual, como nos informa a voz narrativa, apesar de que ela ocorra em uma obra cuja manifestação recorrente do fenômeno da *violentia* é bastante evidente.

Muito embora não haja a manifestação da *violentia* nesse pequeno excerto inicial, nem tampouco tenha sido ela aqui mencionada, sequer indiretamente, *laetaberis* pode se estruturar em razão dela. Assim, o agudo contraponto estético apuleiano organiza-se não só textualmente, uma expressão presente verbalmente enquanto a outra não o é, mas também literariamente, pois ainda que de sentidos opostos, a expressão *laetaberis* é utilizada como um atributo para histórias orientadas pela *violentia*. Ou seja, já na abertura do romance, em seu por isso emblemático e enigmático *Prólogo*, aflora intensa e paradoxalmente a pujança apuleiana dos contrários.

Entretanto, a junção antitética de *laetaberis* e *violentia* não se restringe somente a essa sentença, que nos serve como chave de leitura do romance², uma vez que há outras passagens em que também se reforçam essa sensação particular indicada pela voz narrativa, indo de encontro ao que é expresso evidentemente nas histórias, promovendo uma nítida oposição de sentidos.

Desde o princípio, a voz narrativa estrutura suas informações de modo a preparar seu interlocutor, a direcioná-lo para uma determinada indicação de sensação de prazer, de satisfação, de entretenimento, embora a materialidade textual do restante da narrativa tenha indícios contrários ao que promove o sintagma verbal *laetaberis*. A fim de cumprir com o seu objetivo, o *Prólogo* lança mão também de outros indícios textuais presentes nesse trecho inicial, intencionalmente articulando-se por meio da oratória, um exercício linguístico bastante praticado no tempo de Apuleio (TATUM, 1979), a fim de convencer, aos poucos, o seu virtual *lector*.

Já em suas primeiras linhas, a voz narrativa comunica-se com seu leitor, por meio do sintagma nominal “[...] *os teus bem-dispostos ouvidos* [...]” (AA, 2007, 1.1). Claramente, o interlocutor é compreendido por sinédoque em sua parte pelo todo,

²Para este trabalho, trazemos as citações do texto apuleiano traduzidas para a língua portuguesa, mediante as obras *O asno de ouro*, de Guimarães (1963) e *O burro de ouro*, de Leão (2007). Para demarcá-las, trazemos as seguintes notações: (AA. 1963, <nº da página>), remetendo à tradutora brasileira, e (AA. 2007, <nº da página>), referenciando o tradutor português. A fim de aprimorarmos os nossos conhecimentos acerca da obra, além de desvelar determinados conflitos entre as traduções, tínhamos também acesso ao texto em latim, consultando-o frequentemente, sempre com o apoio de nosso Orientador. Embora não sejamos latinistas de ofício, a análise do *cópus* não foi comprometida, uma vez que utilizamos traduções consideradas de excelência em seus respectivos países e passamos pelo crivo de nosso Orientador.

talvez numa sugestão de que quem narra aproxima-se aos poucos dele; a voz narrativa não se direciona diretamente ao leitor, embora o faça por meio de seu discurso, mas, de modo linguístico, para ele se encaminha pelas margens, como o convencendo progressivamente, de pouco em pouco.

É válido ressaltar que a cultura da época da produção literária de Apuleio era essencialmente oral (GONÇALVES, 2007), motivo pelo qual não surpreende que seja o ouvido de seu leitor para qual a voz narrativa aponta, querendo lhe chamar a atenção. Além disso, o próprio exercício do escutar é uma prática significativa percebida por diversas vezes em Apuleio, na qual temos um burro que se informa do mundo à sua volta por meio das longas orelhas para então contar os mais diferentes acontecimentos que ouve para os seus leitores.

Tomando a parte pelo todo, *aures* por *lector*, é como se a voz narrativa não precisasse necessariamente da total atenção de quem o ouve, provavelmente porque as histórias são tão fascinantes que o pouco de concentração desse *lector* fosse o bastante para que ele fosse convencido por aquelas *aures*, para então conquistá-la por completo.

A preocupação do locutor em demonstrar o tipo de fruição que ele deseja para suas histórias continua evidente, ainda nesse trecho inicial, uma vez que ele fala por meio de *lepido susurro*, isto é, “álacre sussurro” (AA. 1963, 1.1). Os elogios da voz narrativa para os ouvidos de seu interlocutor vão ao encontro de sua maneira de dizer. Como percebemos, as escolhas morfológicas auxiliam para a orientação de um leitor atento, uma vez que cativado, e para a elaboração de um discurso prazeroso e cuidadosamente pronunciado.

É curioso vermos como a voz narrativa preocupa-se com o *lector*, interessada em se ele está ou não incomodado ou ofendido com o tipo de material utilizado para o registro da história, o seu suporte tecnológico, como se lê em “não desdenhes ler o papiro egípcio” (AA. 1963, 1.1). Se ele não estiver, de fato, receoso com a opinião de quem o lê, podemos sugerir que essa pseudo-preocupação demonstra um certo grau de ironia e sarcasmo de seu caráter, o que amplia a multiplicidade semântica da escrita apuleiana. A voz narrativa sábia e equilibradamente guia o seu leitor, de modo a conquistar sua confiança, afinal ela está a fim de convencê-lo sobre o determinado tipo de qualidade de suas histórias. E, sob certo ponto de vista, podemos dizer que, conforme as elaborações sintático-semânticas propostas, a voz narrativa tem cumprido satisfatoriamente com os seus objetivos.

Na sequência, o *Prólogo* descreve, em poucas palavras, o assunto principal da obra, como se lê em “irás apreciar, com espanto, as metamorfoses operadas na figura e na fortuna de seres humanos, que assumirão outras formas até retornarem novamente a condição inicial, no termo de uma cadeia de recíprocas ligações” (AA. 2007, 1.1).

Embora esse texto inicial apresente o assunto principal da narrativa literária, de suas temáticas, ele não aborda, ainda que a violência, um dentre vários temas da obra, seja um elemento constituinte fundamental no decorrer de **O asno de ouro**. De certa maneira, parece-nos que a voz narrativa não quer introduzir nem mesmo mencionar essa temática, não quer divulgá-la precipitadamente, apesar de que a expressão da violência se manifestará logo em seguida.

A escolha que faz o locutor de não referenciar a expressão da violência não nos parece acidental, pois essa percepção interpretativa fortalece-se se

considerarmos algumas informações destacadas pela voz narrativa, quando começa a se apresentar para o leitor. Por exemplo, o locutor declara que veio de uma região por ele definida como “terras afortunadas” (AA. 2007, 1.1). Além disso, a voz narrativa divulga também a especificidade de seu berço cultural, discorre mais detalhadamente sobre a produção literária de seu local de origem, composta majoritariamente por “obras ainda mais felizes” (AA. 1963. 1.1).

Decididamente, a voz narrativa alude a um ambiente propício, decisão que parece bastante consciente, afinal, ela pouco fala sobre si, deixando-se revelar somente alguns detalhes de sua vida particular, todavia escolhe apontar, reconhecendo como importante, dentre tantas características possíveis, a sua afortunada procedência.

Nesse sentido, entendemos novamente como fundamental as escolhas morfológicas empregadas no *Prólogo*; primeiro, espera-se agradar os singelos ouvidos do leitor, por meio de uma fala dócil, além de não lhe provocar ressentimentos ou perturbações, em razão do material utilizado para tanto, de origem egípcia. Na sequência, quando consideramos o modo de vida regular manifesto em meados do século II d.C., anuncia-se que essas histórias são contadas por alguém que viveu uma felicidade aparentemente plena, tanto de ambiente quanto de cultura.

Na construção de seu argumento, novamente a voz narrativa solicita a paciência de seu leitor, tendo em vista a sua condição possivelmente limitada de dominar a língua, informando que “e desde já apelo à tua benevolência, para o caso de te ofender a sensibilidade ao exprimir-me com pouca elegância na língua do fórum, para mim estrangeira” (AA. 2007, 1.1). Por meio de seu comportamento humilde e em sua expectativa de agradar, a voz narrativa, aos poucos, parece conquistar a confiança de seu interlocutor, oferecendo-lhe motivos, que ele não pode negar, a partir de uma arte da retórica bem construída.

Como elencamos, há uma série de elementos morfológicos e sintáticos que evidenciam o cuidado e a preocupação da voz narrativa em asseverar não só a constituição literária de sua obra, mas também a qualidade particular de suas histórias. Embora *Lector intende: laetaberis* seja utilizada como principal chave de leitura de nossas reflexões, percebemos que há vocábulos e trechos que contribuem com a força semântica proposta por essa sentença, como se fortalecessem o sentido de *laetaberis*, que, por sua vez, é totalmente contraditório em relação ao de *violentia*.

Quando o *lector* desenvolver a atividade de leitura de suas histórias, não restarão dúvidas sobre a promoção de satisfação proveniente das narrativas apuleianas, uma vez que toda a organização literária estabelece um contexto de cumplicidade e confiança da voz narrativa para com o seu leitor.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como percebemos, o *Prólogo* apuleiano direciona o seu leitor para uma determinada qualidade, *laetaberis*, proveniente da fruição das histórias em **O asno de ouro**. Contudo, nele não há a menção para a expressão do fenômeno da *violentia* presente nessas mesmas histórias narradas. Ora, em nenhum momento, esse texto introdutório antecipa para o seu leitor, preparando-o, os acontecimentos violentos que logo serão narrados. O *lector* literalmente não sabe o que está por ler assim que

ele põe os olhos sobre as histórias da narrativa apuleiana, tampouco tem a noção dos variados tipos de agressividade que marcam a obra já a partir da primeira história inserida na história principal nesse romance antigo romano, a de Aristômenes, o viajante.

Considerando que a fortuna crítica apuleiana muitas vezes, dentre as diversas perspectivas significativas, indica ou o caráter de entretenimento ou a qualidade violenta do romance apuleiano, buscamos demonstrar que essas leituras interdependem-se, uma vez que o próprio *Prólogo* apuleiano evidencia um eixo interpretativo *laetaberis-violentia*.

Tendo em vista que o locutor estabelece uma orientação de leitura tão bem consolidada, cuja direção aponta para um sentimento positivo do interlocutor, não é de se admirar como esse pequeno trecho inicial da narrativa conclui-se com um discurso em tom imperativo, com contornos de excelência no sentido de convencimento, por meio da sentença *Lector intende: laetaberis*. Com sua leitura da narrativa apuleiana, o leitor ter-se-á divertido por meio da *violentia*.

Referências

ALBRECHT, Michael Von. **History of Roman Literature** – volume one. Trad. Frances Newman e Kevin Newman. Leiden: E. J. Brill, 1997.

APULEIO. **O asno de ouro**. Trad. Ruth Guimarães. São Paulo: Cultrix, 1963.

APULEIO. **O burro de ouro**. Trad. Delfim Leão. Coimbra: Cotovia, 2007.

APULEIUS. **The Golden Ass, or, A book of changes**. Translated by Joel C. Relihan. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 2007.

APULEYO. **El asno de oro**. Trad. Lisardo Rubio Fernández. Madrid: Editorial Gredos, 1983.

BITEL, Anton. Fiction and History in Apuleius' Milesian Prologue. In: KAHANE, Ahuvia; LAIRD, Andrew. **A Companion to the Prologue of Apuleius' Metamorphoses**. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 137-151.

CARDOSO, Zélia Almeida. **A literatura latina**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

CARVER, Robert H. F. Quis ille? The Role of the Prologue in Apuleius' *Nachleben*. In: KAHANE, Ahuvia; LAIRD, Andrew. **A Companion to the Prologue of Apuleius' Metamorphoses**. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 163-174.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. **Historia de la lectura en nel mundo occidental**. Madrid: Taurusminor, 2004.

- DOWDEN, Ken. Prologic, Predecessors, and Prohibitions. In: KAHANE, Ahuvia; LAIRD, Andrew. **A Companion to the Prologue of Apuleius' Metamorphoses**. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 123-136.
- GARRAFFONI, Renata Senna. **Bandidos e salteadores**: concepções da elite romana sobre a transgressão social. 1999. 113 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1999.
- GONÇALVES, Ana Teresa Marques. Rupturas e continuidades: os Antoninos e os Severos. **Fênix** – Revista de História e Estudos Culturais, Vol. 4, Ano IV, nº 1, 2007.
- GRIMAUD, Johana. Les jeunes gens dans le Satyricon: violence et perte de repères. **Camenulae**, nº 4, février, 2010, p. 1-9.
- HARRISON, Stephen J. **Framing the Ass**: Literary Texture in Apuleius' Metamorphoses. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- KAHANE, Ahuvia; LAIRD, Andrew. **A Companion to the Prologue of Apuleius' Metamorphoses**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- LAIRD, Andrew. Paradox and Transcendence: The Prologue as the End. In: KAHANE, Ahuvia; LAIRD, Andrew. **A Companion to the Prologue of Apuleius' Metamorphoses**. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 267-281.
- LEÃO, Delfim F. Tipologia da violência em Petrónio: crime, punição e autopunição. In: OLIVEIRA, Francisco; SILVA, Maria de Fátima; BARBOSA, Tereza Virgínia Ribeiro. **Violência e transgressão**: uma trajetória da Humanidade. Coimbra: Pombalina, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, p. 241-264.
- MACKAY, P. A. Klephtika: The Tradition of the Tales of Banditry in Apuleius. **Greece & Rome**, 2nd, v. 10, nº 2, 1963, p. 147-152.
- MASON, Hugh J. Fabula Graecanica: Apuleius and his Greek Sources. In: HIJMANS Jr. Benjamin. Lodewijk; PAARDT, Rudi van der. **Aspects of Apuleius' Golden Ass**. Groningen: Bouma's Boekhuis B. V., 1978, p. 1-16.
- MICHALOPOULOS, Andreas N. Lucius' suicide attempts in Apuleius' Metamorphoses. **Classical Quartely**, n. 52.2, 538-548, 2002.
- OLIVEIRA, Francisco; SILVA, Maria de Fátima; BARBOSA, Tereza Virgínia Ribeiro. **Violência e transgressão**: uma trajetória da Humanidade. Coimbra: Pombalina, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.
- PUCCINI-DELBEY, Géraldine. La femme dans Les Métamorphoses d'Apulée: une descente dans l'animalité?. **Anthropozoologica**, nº 33-34, 2001, p. 85-92.

SANDY, Gerald N. Apuleius' Golden Ass: from Miletus to Egypt. In: HOFMANN, Heinz. **Latin fiction: The Latin novel in context**. London: Routledge, 1999, p. 68-86.

SILVA, Maria de Fátima. O pirate no romance grego: um modelo de marginalidade e vandalismo. In: OLIVEIRA, Francisco; SILVA, Maria de Fátima; BARBOSA, Tereza Virgínia Ribeiro. **Violência e transgressão: uma trajetória da Humanidade**. Coimbra: Pombalina, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, p. 149-170.

SLATER, Niall W. The Horizons of Reading. In: KAHANE, Ahuvia; LAIRD, Andrew. **A Companion to the Prologue of Apuleius' Metamorphoses**. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 213-221.

SMITH, Warren S. Apuleius and Luke: Prologue and Epilogue in Conversion Contexts. In: KAHANE, Ahuvia; LAIRD, Andrew. **A Companion to the Prologue of Apuleius' Metamorphoses**. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 88-98.

TATUM, James. **Apuleius and The Golden Ass**. London: Cornell University Press, 1979.

TRAPP, Micheal B. On Tickling the Ears: Apuleius' Prologue and the Anxieties of Philosophers. In: KAHANE, Ahuvia; LAIRD, Andrew. **A Companion to the Prologue of Apuleius' Metamorphoses**. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 39-46.

Para citar este artigo

SANTOS, V. M. dos. Entre laetaberis e violentia: algumas reflexões sobre o prólogo apuleiano. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9, n. 4, 2020, p. 867-879.

O Autor

VINÍCIUS MEDEIROS DOS SANTOS atualmente, está cursando o décimo semestre em Licenciatura em Letras (Português-Inglês), pela UNESP/São José do Rio Preto. Realiza Estágio de Iniciação Científica II na subárea de Literaturas Clássicas, Orientado pelo Prof. Dr. Cláudio Aquati, sob os auspícios da FAPESP (2019-2020). Realizou Estágio de Pesquisa, em nível de Iniciação Científica, na Universidade de Coimbra, em Coimbra, Portugal, Supervisionado pelo Prof. Dr. Delfim Leão, sob os auspícios da BEPE/FAPESP (2019-2020). Integrou o Projeto "Global Learning Experience", por meio de uma parceria entre UNESP, de São José do Rio Preto (Brasil), e DePaul University, de Chicago (Estados Unidos), sob a Supervisão da Profa. Dra. Giséle Manganelli Fernandes e do Prof. Dr. John Shanahan, durante o primeiro semestre de 2019. Elaborou e ministrou o curso "Aspectos da Cultura Brasileira", como Bolsista-Tutor de Português Língua Estrangeira (PLE), para o Projeto do Governo Federal "Idiomas sem Fronteiras", Orientado pelo Prof. Dr. Douglas Altamiro Consolo, sob os auspícios da PROEX (2018). Elaborou um curso de Português Língua Estrangeira (PLE), Nível A1, para a Plataforma Online Moodle/UNESP, sob os auspícios da PROEX (2017), Orientado pelo Prof. Dr. Douglas Altamiro Consolo. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura, atuando, principalmente, nos seguintes temas:

Violência; Romance Antigo; Intertextualidade; Literatura Comparada; Apuleio; Petrônio; Português Língua Estrangeira (PLE).